

Apresentação: Ficção e história são países vizinhos

Júlio Pimentel Pinto ¹

Num texto empolgante, David Lowenthal combina questões teóricas com movimentos de leitura e significação e acaba por apontar um rumo para pensarmos a relação entre história e ficção:

Todos os relatos sobre o passado contam histórias sobre ele e, conseqüentemente, são parcialmente inventados; [...] contar histórias também impõe suas exigências na história. Ao mesmo tempo, toda ficção é parcialmente 'fiel' ao passado; uma história verdadeiramente fictícia não pode ser imaginada, pois ninguém poderia entendê-la. A verdade na história não é a única verdade sobre o passado; cada história é verdadeira em infinitas maneiras, maneiras estas que são mais específicas na história e mais gerais na ficção.²

Não há ficção absoluta, nem o conhecimento do passado é privilégio da História disciplinarizada – que, por sua vez, não alcança o domínio completo da experiência vivida. A ficção é uma forma de contar histórias, uma forma de representar o passado, de criar verdades possíveis sobre algum passado. Lowenthal vai mais longe e também indica uma diferença importante entre história e ficção: enquanto a primeira registra o específico, a segunda propõe uma verdade “geral” sobre o passado.

A história opera por meio de métodos rigorosos de pesquisa, da verificação ininterrupta dos dados que maneja, do confronto categórico entre passado e presente que o historiador estabelece ao penetrar surdamente na documentação, escapar do canto de sereia dos anacronismos indevidos e encontrar a estratégia

¹ Professor no Departamento de História da USP e Coordenador do Grupo de Pesquisa História & Literatura

² David Lowenthal. “Como conhecemos o passado”. In: Projeto História 17. São Paulo: Educ/PUC-SP, 1998, p. 134 (O texto é um capítulo do livro *The Past Is a Foreign Country*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995).

narrativa adequada para recuperar e combinar perspectivas e olhares daqueles que viveram em outros tempos.

O compromisso da ficção é outro: é com a imaginação. Imaginar, projetar o irreal, produzir algo que, na ausência da experiência em si e movido pelo esforço de fugir do já conhecido, ensaie caminhos e formas de reinventar o que não vivemos e de que só restam resíduos incompletos.

A história enfrenta severas restrições e parece carecer de liberdade. Não pode, por exemplo, criar um personagem, um local ou uma rede de relações que não sejam mencionados nas fontes que o historiador consulta.

Ao ficcionista, à primeira vista, não parece haver limites: justamente por isso, ele consegue sintetizar ou simbolizar numa figura inventada os muitos dilemas de uma época. Fiquemos num exemplo: Fabiano, personagem de Graciliano Ramos, não existiu. Ele, no entanto, é incrivelmente real: em Fabiano concentram-se milhares ou milhões de vidas precárias, de áridas existências. Baleia, a incrível cadela de Fabiano, com seu olhar melancólico e seu sonho de um mundo cheio de preás, não encontra correlato em qualquer cachorro que encontremos pelas ruas das cidades ou pelas veredas dos sertões. E, ao mesmo tempo, Baleia expressa angústias, paixões e terrores que todos nós já sentimos e de cuja verdade nem por um segundo duvidaríamos.

Lowenthal, porém, ressalta que a liberdade da ficção não é ilimitada. Ninguém compreenderia, diz ele, a ficção pura, desvinculada de quaisquer referentes reais: ela também se apega ao universo do possível, mesmo que por via indireta, por linhas tênues ou herméticas. Ou seja, de alguma forma, a história está ali, mais ou menos explícita.

Qual é, então, a verdade da ficção? É a verdade que se faz a contrapelo, ao revés, na busca de uma percepção geral do que somos ou vivemos. E a conclusão a que se pode chegar é inevitável: não devemos prescindir nem da história, nem da ficção – e muito menos é razoável abrir mão do diálogo constante e ininterrupto entre essas duas formas narrativas que se contaminavam reciprocamente, que se misturam com frequência, que vivem em territórios contíguos e, no dia a dia, trocam confidências e... verdades.

*

Os textos que compõem esses Anais são plurais nos temas de pesquisa, na abordagem teórica, na estrutura, na metodologia; sobretudo: na forma como exploram as relações entre história e ficção. Parte deles desdobra-se do olhar imaginativo, outra parte investe desde o mundo da historiografia. Todos os artigos reconhecem que a boa reflexão não pode sujeitar-se a um só modelo interpretativo, nem desejar amarras de qualquer ordem. Daí a beleza dessa coletânea: mostrar a quem quiser enxergar que, para os historiadores, a ficção é um país vizinho e visitá-lo é urgente e necessário; que, para os ficcionistas, a história é a parceira de todas as horas.

*

Foi o argentino Ricardo Piglia quem disse que uma gota de ficção torna ficcional um mar de verdades. Parodiemos, invertamos a equação para afirmar que uma gota de história num mar de ficção faz com que toda a água possa ser navegada pela historiografia.